

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

PESSOA E A GALIZA.

FONTENLA, J. L.

Ano: 1987, 1988 | Número: 97-98

Como citar este documento:

FONTENLA, J. L., Pessoa e a Galiza. *Revista de Guimarães*, 97-98 Jan.-Dez. 1987-1988, p. 357-371.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães

E-mail: geral@csarmiento.uminho.pt

URL: www.csarmiento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

Pessoa e a Galiza

por J. L. FONTENLA
Presidente das Immandades da Fala
e da Fundação Europeia Viqueira
— Instituto Internacional da Lusofonia.
Escritor

Introdução

Não se conhece dado algum sobre viagem alguma de Fernando Pessoa à Galiza, pelo que toda a informação que sobre a nacionalidade galega e, além disso, a Espanha, e mesmo a questão do iberismo pessoano, há que pensar que provém de contatos diretos do poeta com outras pessoas que mantinham relacionamento contínuo com os intelectuais da Galiza e da Espanha.

O relacionamento entre a revista da «Renascença Portuguesa», a «Águia», e «Nós», de parte galega, foi posta de relevo pelo professor José Augusto Seabra (1987) (1) e pela professora Aurora Marco (1987-88) (2), mas não fazem referência a relações entre Pessoa e a Galiza.

Isso faz pensar que Fernando Pessoa tinha conhecimento do problema da Galiza e da questão ibérica através de revistas e nomeadamente por intermédio de Alfredo Pedro Guisado (Estraviz, 1980-1987) (3) «no mundo cultural português cofundador da revista 'Orpheu' junto com Fernando Pessoa, Mário de Sá Carneiro, José Sobral de Almada Negreiros — entre outros» e ainda disse o professor Isaac Estraviz «em carta a Guisado, datada a 20 de Julho de 1914, Mário de Sá Carneiro dizia: «Não imagina como me orgulho de as suas poesias se incluírem na mesma escola que as minhas obras e as de Fernando Pessoa».

Não conhecendo pois viagens de Pessoa a Galiza e a Espanha, e sabendo da amizade com Alfredo Pedro Guisado, temos que supor que o conhecimento sobre a questão galega vem do conhecimento que Pessoa tinha da Galiza através da revista NÓS e do material que podia ter, sem duvida, Alfredo Pedro Guisado.

(1) In «Nova Renascença» Verão-Outono de 1987, Porto, pp. 306 e ss. «A Geração da 'Renascença Portuguesa' e a revista NÓS».

(2) «NÓS», Revista Internacional de Lusofonia, Pontevedra — Braga, num. 7-10, «A presença portuguesa em NÓS», Prof. Aurora Marco da Universidade de Santiago de Compostela.

(3) Estraviz, Isaac Alonso: «Estudos filológicos galegoportugueses», Alhena, Madrid, pp. 193-204.

Temos também informação sobre a existência de livros galegos no espólio de Pessoa, como tenho citado em recente trabalho (Fontenla, 1987) (4), em que digo — o que serve para justificar esta comunicação: «Está por fazer ainda o estudo sobre Pessoa e a Galiza, tendo presente que havia um grande intercâmbio cultural entre o Grupo da «Geração da Revista NÓS» de Risco, Castelão e Otero Pedraio — de quem se comemora este ano 1988 o centenário conjuntamente com Pessoa na Galiza — e anteriormente as Irmandades da Fala de Viqueira, Vilar Ponte, com Teixeira de Pascoaes, Leonardo Coimbra, etc.».

O certo é que o relacionamento entre a «geração NÓS» e a «Renascença Portuguesa» é indubitável, até o «Guia de Portugal» recolhe que a casa de Teixeira de Pascoaes iam ter com ele Risco, Noriega Varela e Castelão (1985) (5), e também sabemos que a correspondência epistolar com Teixeira, Guerra Junqueiro e outros era muito frequente, além de publicações de poemas em «NÓS», que abre o seu primeiro número com um poema de Teixeira de Pascoaes dedicado aos jovens poetas galegos (1920) (6).

Sabemos também que a revista «A Águia» era recebida por Vicente Risco, director de NÓS, regularmente e possivelmente em intercâmbio de ambas publicações aos dois lados do rio Minho.

Além do intercâmbio de ideais e mútuas influências através das revistas «A Águia» e «Nós» e outras, que menciona a professora Aurora Marco (op. cit.), não há dúvida alguma de que existiam tematizações semelhantes da parte galega e da parte portuguesa, em aspectos como a valorização da «raça», no sentido antropológico, e à vista dos dados fornecidos pelas escavações arqueológicas e as suas interpretações, por arqueólogos e etnógrafos como Cuevillas, o próprio Risco, etc., além dos portugueses que com eles colaboraram. A base étnica era a mesma, além e aquém Minho, e assim o demonstravam cada vez mais as escavações que se faziam por ambas partes e muitas vezes em conjunto, em campanhas que duraram alguns anos.

Mesmo temos para nós, que o 'Seminário de Estudos Galegos', as publicações de «Nós» e outras actividades culturais dessa geração, não teriam nascido se não houbesse, como houve, um relacionamento cultural intenso entre galegos e portugueses.

Além da raça, no sentido antropológico, como base étnica comum que permite afirmar, sem dúvida alguma, que a Galiza e Portugal são dois povos que constituem uma mesma etnia, língua e cultura, é evidente que em termos de futuro era necessário criar uma base civilizacional, como diria Pessoa, e as bases civilizacionais tinham que ser por força algo que caracterizasse ao povo galego e ao povo português, face aos outros povos da Iberia, do mundo até. Nasce aí o saudosismo, o sentimento da terra e da paisagem, o lirismo como algo próprio do povo

(4) Fontenla, J. L. «Homenagem a Pessoa: uma visão desde a Galiza». Revista internacional de sociopedagogia e sociolinguística 'O Ensino', Pontevedra — Braga, 1987, pp. 293-300.

(5) Guia de Portugal, 2.ª edição., p. 594, Lisboa.

(6) Revista NÓS num. 1, Ano I, Outono 1920.

galaico português, e até a filosofia criacionista e o mito do atlantismo, que tanto impacte vão ter em poetas e escritores da Galiza e Portugal e, como não, no próprio Fernando Pessoa.

Em « regresso ao Paraíso » Pascoaes chega a dizer « A Galiza é irmã e mãe de Portugal. Portugal saiu dos seios da Galiza; depois abandonou a mãe e foi por esses mares fora; fugiu como o filho prodigo. Mas é chegado o tempo do seu regresso ao lar materno. Temos de voltar a viver espiritualmente em comum. Assim o exige o destino das nossas patrias, que ainda não está cumprido... » (1921)? (7)

E ainda no seu celebre poema de Maranus: « Galiza, terra irmã de Portugal que o mesmo oceano abraça longamente... Altar de Rosalia e de Pondal » (1920) (8). Teixeira de Pascoaes continua a enfatizar o mito lusogalego e nomeadamente algo, ao nosso ver, essencial, que terá grande repercussão em Pessoa, que os destinos das patrias ainda não estão cumpridos, o que dá pé a todo o mitologema contido em ' Mensagem ', de que fala Cristina de Mello (1987) (9), do sebastianismo e do encoberto.

Poucos dados temos, pois, sobre o relacionamento de Pessoa com a Galiza, fora da informação que podia receber do seu confrade Alfredo Pedro Guisado, « filho de pais galegos (nascido a 30 de Outubro de 1891 em Lisboa, filho de Antonio Venancio Guisado natural de Pias (Mondariz) e de Benedicta Abril Gonzalez de Mondariz, que tinham o restaurante 'Dois Irmãos Unidos' na praça de D. Pedro do Rossio, lugar de encontro do grupo 'Orpheu'... morreu em 30 de Novembro 1925 ». (Estraviz op. cit. p. 194, 195) e companheiro na revista Orpheu e que deixou sem publicar, entre outros ineditos, « Orpheu por dentro (História de uma revista literária) » (Estraviz, 1987, ibid. p. 197) e que nessa revista empregava o pseudónimo « Pedro de Meneses » (ibid. p. 196).

E prova disso, é que como se recolhe em « Grial » (1985 p. 258): « Entre os escassos livros da biblioteca do poeta, alguns com apontamentos de leitura da sua própria mão, estão: 'Folhas Novas' de Rosalía de Castro (ed. Hernando, Madrid, 1909); 'Influencias de la literatura gallega en la castellana' de E. Carre Aldao (ed. Beltran, Madrid, 1915) e 'Buscon poeta' de Eduardo Dieste (ed. Bertani, Montevideo). Um amarelo de jornal galego, encontrado entre os papéis de Pessoa data de Abril de 1915; trata-se de uma recensão de cortesia da revista « Orpheu », assinada em Santiago por João Barcia Caballero » (Fontenla, 1987) (9 bis).

Assim, não sabemos certamente como é que Fernando Pessoa tinha um tão grande conhecimento da questão galega e iberica (espanhola, basca e catalã), pois se bem é certo que inicialmente com « A Águia » e « Nós » podia ter uma informação mais ou menos aprofundada, já no tempo de « Orpheu » deveu perder o contacto

(7) NÓS num. 5, 1921.

(8) Além da segunda edição, citamos por edição da Liv. Bertrand, p. 163, III volume; Introdução e aparato crítico de Jacinto de Prado Coelho s/d.

(9) In « O fenómeno literário nos países lusófonos » (« Literatura galega, portuguesa, brasileira e africana ») 'Cadernos do Povo da Lusofonia' num. 2-3-4, 1987, Pontevedra — Braga « História, mito e crítica em poemas de Pessoa e Torga ».

(9 bis) Ob. cit., in nota 4.

com a Galiza e as suas revistas e receber a informação só por conta do seu amigo Alfredo Pedro Guisado, do qual nos consta que não perdeu o contato com a terra de que eram oriundos os seus pais. (Estraviz, 1987, op. cit.).

O pensamento de Pessoa sobre a questão galega e iberica

Pessoa não era homem do norte português; nascido português, transferido de criança para Africa do Sul e *regressado* português em lingua e cultura («Minha pátria é a língua portuguesa»), é um português retomado, do sul, afincado em Lisboa e sem o contato nem os conhecimentos que os portugueses nortenhos têm para com a Galiza. O seu pensamento talvez fosse até influido por Unamuno, que teve muito contato com o grupo da «Renascença Portuguesa» (Angel Marcos, 1987) (10) e influiu grandemente no grupo. Mas Unamuno era um basco espanholizado e que mesmo por renunciar à sua origem andava à procura das suas raízes, na Espanha; não sentindo-se basco, procurava os alicerces do ser espanhol, com as consequentes contradições que isso nele provocou durante toda a sua vida. E no contraste com o ser de Portugal, até Miguel de Unamuno reconhecia que Portugal — e a Galiza — eram algo diferente, não eram Espanha. Sem embargo não chega ao que havia chegar o escritor Bergamin «Penso muitas vezes que o melhor de Espanha é Portugal, mas dando-lhe o que é seu: Galiza, Salamanca, Estremadura e Huelva. Talvez haveria que portugalizar Espanha para dar-lhe união verdadeira, união que não unidade. União de todos os povos nacionais; nascidos da sua entranha viva. Consciência peninsular de si propria. Má cousa seria que em vez de portugalizar-se Espanha se espanholizara Portugal» (11). Unamuno prefere falar de que Portugal é um povo de suicidas, e de que «Me interessa sobretudo o tédio português, o pessimismo patriótico, tudo o que há contido naquele terrível verso de Nobre «Amigos, que desgraça nascer em Portugal» «Quero falar também dessa maneira especial de mesianismo: o sebastianismo. Portugal interessa-me muito porque me interessa a Espanha e nós vamos para onde Portugal já está» (Angel Marcos, op. cit. p. 297) (12).

Mas, Unamuno não entendeu a realidade da Galiza e Portugal, mas que desde as suas contradições de basco espanholizado que fica sem raízes e anda à procura da alma perdida. À falta de origens certas o basco Unamuno perde-se para sempre na análise do que para ele deve ser Espanha, e as suas contradições chegarão até os últimos momentos da sua vida, para com o regime de Franco e contra o regime de Franco, na sua obra e na sua filosofia desarraigada.

(10) Op. cit. em nota 2 «Unamuno y Renascença Portuguesa» p. 296 e ss. «Nova Renascença», 1987, Porto.

(11) Bergamin, José, citação em «A vida escura» de Genaro Marinhos del Valhe, p. 11.

(12) Op. cit., Vide nota 10.

Poder-se-á por alguns tentar vincular a «mística da saudade» de Rosalia, a sua luta contra a injustiça do Povo Galego e dela própria, com Unamuno e Pessoa; mas os acordos dos sons poeticos de Rosalia estão mais perto de Pessoa do que a alma castelhanizada de Unamuno. Rosalia e Pessoa são poetas metafísicos por excelencia. E nada estranho é que Pessoa guardasse «Folhas Novas» de Rosalia de Castro pois, apesar da diferença cronologica, a autora galega devia ser muito proxima em conteudo à angustia pessoana; os dois poetas tinham uma metafisica similar, se se pode assim dizer. Consciencia de ser dum tempo e dum espaço limitados, que os fazia confrontar-se dia a dia com 'a realidade espantosa das coisas'. Sensação de singularidade poetica para ambos que vá fazer que as suas poesias não percam valor com o passo do tempo. O sentimento tragico da vida de Pessoa — ou Rosalia — nada tem a ver com Unamuno.

Assim temos pois que Pessoa, português do sul, não pode ter uma aproximação à Galiza tão profunda como os escritores do norte. Além disso, o cosmopolitismo pessoano, nascido talvez da sua emigração cedo para África do Sul e as leituras de autores ingleses, que tanto nele iam influir, vão fazer que a aproximação à questão galega e iberica se mantenha numas coordenadas de racionalização das tematizações que o autor mantém para com o seu projecto de «Mensagem» e nomeadamente com razão ao «Ultimatum».

As fontes pessoanas para o tema da Galiza procedem sem duvida do pensamento comum da geração 'NÓS' e de 'Renascença Portuguesa', da influencia de Guisado e pouco mais. Para o tema iberico talvez essas fontes se acrescentem e alarguem por influencia do «Ultimatum», além da «Arte de ser português» de Pascoaes e tambem pouco mais. Ainda assim a informação de Pessoa era boa. Não tem possivelmente a influencia direta das «Irmandades da Fala» historicas da Galiza, de 1916, nem de Viqueira, Vilar Ponte, etc. directamente; mas sim as da revista NÓS e portanto de Risco, Otero e Castelão. O modernismo simbolista galego, com a morte prematura de algum autor ou a escassa influencia de outros na literaturagalega, além de ser coetaneas as produções, pouco poderia ter influido na obra de Pessoa, nomeadamente a partir da aparição de 'Orpheu'.

Os lugares comuns de todas maneiras, aquem e além Minho, são com efeito evidentes, até o esoterismo de Risco, na sua primeira epoca, é coincidente com Pessoa; o seculo marcava as personalidades dos escritores de ambas as partes do pai Minho, sem duvida por cima das traves das vontades dos que iam ser poetas e intelectuais de prestígio na faixa atlantica iberica. Algum dia haverá que estudar este aspecto que tanto influiu em Pessoa como em «Risco, que chegou a publicar a revista «La Centuria» neosofica, e que ao final da sua vida tem uma profunda crise global (13).

Vejamos agora as ideias exprimidas por Fernando Pessoa sobre a Galiza, e a 'questão iberica', se assim se lhe pode chamar.

(13) Cfr. Risco, António: «La obra narrativa de Vicente Risco». Ed. Caixa Ourense, 1987. Lugo, Ramon: «Vicente Risco na cultura Galega». Galaxia, 1968.

A Galiza e o Sentido de Portugal em Pessoa

Pessoa vai ligar todo o processo de análise da questão galega com a questão ibérica e claro, como não, ao sentido de Portugal. Portugal, o sebastianismo e o 'Quinto Imperio'; Portugal, enquanto as essências nacionais e o sebastianismo e o 'Quinto Império' como so mito salvador da crise portuguesa, são os eixos interpretativos da posição intelectual, mas também poética, como o demonstra claramente «Mensagem», cujo nome inicial é bem sabido não ia ser esse: mas que foi mudado pelo autor por razões de todos conhecidas; a esse processo de análise pessoana há que acrescentar dous fatos importantes para o poeta, o 'Ultimatum' e o 'Interregno'; nessas coordenadas políticas é que há que contextualizar a obra de Pessoa; inspirada nas fontes panteístas e lusogalaicas de Pascoaes e a geração da «Renascença Portuguesa», que querem um novo Portugal, Pessoa acrescenta inevitavelmente o seu quefazer como escritor em prosa, além de poeta, com os eventos políticos que o comovem e obrigam até a ser patrioticamente português, para sempre.

Com título ou a indicação de autor disse Pessoa em «O sentido de Portugal»: «A base da patria é o idioma, porque o idioma é o pensamento em acção, e o homem é um animal pensante... o idioma, por isso mesmo que é uma tradição verdadeiramente viva, concentra em si, indistintiva e naturalmente, um conjunto de tradições, de maneiras de ser e de pensar... Não somos irmãos embora possamos ser amigos, dos que falam uma língua diferente... A base das relações sociais é portanto o idioma: não somos irmãos socialmente falando, senão daqueles que falam a nossa língua — e tanto mais quanto mais falem a nossa língua, isto é, quanto mais nela ponham, como nós, por ela ser a língua-mãe deles, como nossa, toda a sentimentalidade instintiva, toda a tradição acumulada, que a estrutura, o som, o jogo sintactico e idiomático trazem em si... A base da sociabilidade e portanto da relação permanente entre os individuos, é a língua, e é a língua com tudo quanto traz em si e consigo que define e forma a nação» («Portugal, sebastianismo e Quinto Imperio» Obras em prosa de Fernando Pessoa, 'Prefácio, introduções, notas e organização' de António Quadros. pp. 62-63 Pub. Europa-América, Lisboa, 1986) (14).

(14) Pessoa reage contra Unamuno, que defendia, como bom espanholista, o castelhano por cima de tudo, e assim disse: «O problema da língua não importa, porque se um Catalão gosta de escrever em castelhano, fá-lo-á então como o faz agora do mesmo modo que um Catalão pode escrever em francês e ter um público mais vasto ainda. Unamuno pôs a questão: por que não escrever em castelhano? Se vamos a isso, prefiro escrever em inglês, que me dará um público mais vasto que o castelhano; e sou tão castelhano como inglês pelo sangue e muito mais inglês que castelhano, já que a minha educação é inglesa.

O argumento de Unamuno é realmente um argumento para escrever em inglês, já que essa é a língua mais difundida no mundo. Se eu tiver que deixar de escrever em português, porque o meu

Em «O Interregno» Pessoa já anunciava algo do que ia ser o seu pensamento sobre a questão da língua portuguesa e galega, assim afirmava (15) «A terceira e mais importante diferença — não agora entre o Portugal de 1910 e a Espanha de 1930, mas entre os dois países em si — reside no facto de Portugal ser um país completamente unificado, um país que de norte a sul fala, sem dialectos, a mesma língua, um país tão organicamente uno que o seu espirito de coesão passou para o Brasil, o qual embora tão grave, não se dividiu em republicas. Ora a Espanha, longe de ser um país unificado, não é sequer, no sentido proprio da palavra, um país. É, pelo menos, quatro países — o que geralmente se chama Espanha dentro da Espanha (isto é, Castela e as outras provincias onde o espanhol é língua, embora altamente dialectal nalgumas delas), a Catalunha, as provincias bascas e a Galiza. Estes quatro países falam linguas diferentes. Em dois casos — catalão e basco —, a língua difere mais do espanhol do que o português, que qualquer pessoa que leia espanhol pode ser sem o ter aprendido, enquanto que isso não se aplica aos outros dois casos; no terceiro caso, o galego, as diferenças são quase as mesmas que em relação ao português, *sendo o galego, com efeito, um português não evoluído*» (Obras em prosa, III Volume / Círculo de Leitores, 1987, p. 47 (texto inglês) e 50 (tradução ao português de Cristina Rodriguez); o sublinhado é nosso) (14 bis).

Pessoa apresenta o problema da Galiza, a questão galega, dentro do esquema da questão iberica e tendo presente a base linguistica que para ele representa a base nacional e, como veremos, no «Quinto Imperio», que tem que cumprir Portugal, vá ser marcada a característica civilizacional e cultural que outorga razão de ser ao «Império português». Para isso analisa a questão iberica considerando ao espirito de Castela, ao espirito imperialista espanhol castelhano, como o maximo inimigo, demonstrando claramente a sua preferencia pela Galiza e a Catalunha. Em «Iberia» (Presumivelmente 1916-1918) «Fragmento para um ensaio», segundo a edição de António Quadros, Pessoa vem dizer: «Para uma união iberica de qualquer especie, seja essa especie qual for, três cousas são essenciais, e sem elas nada se podera fazer, e antes de elas se fazerem é inútil pensar sem receio nosso em

público é mais limitado, mais vale então escrever na mais difundida das línguas. Por que hei-de eu escrever em castelhano? Para que V. me entenda? É pedir de mais em troca de muito pouco. (Traduzido do original em inglês). Op. cit., ordenada por António Quadros.

(14 bis) O texto inglês disse: «The third and most important difference — not now between 1910 Portugal and 1930 Spain, but between the two countries in the themselves — lies in the fact that Portugal is a completely unified country, a country speaking from North to South, without dialects, the same language, a country so organically one that its cohesive spirit has passed on to Brazil, which, though so large, has not fallen apart into several republicas. Now Spain, far from being a unified country, is not even, in the proper sense of the word, a contry at all. Is is, at the last, four countries — what is generally called «Spain» within Spain (that is to say, Castile and the other provinces where Spanish is the language, though highly dialectal in some of them), Catalonia, the Basque Provinces and Galicia. These four countries speak different languages. In two cases — Catalan and Basque — the language diverge more from Spanish than does Portuguese, which anyone who read Spanish can read without learning it, whereas that does not apply to the other two cases; in the third case, Galician, the differences are almost the same as with Portuguese, Galician being, as a matter of fact, an undeveloped Portuguese» (op. cit., p. 47).

qualquer aproximação. Essas três cousas são: 1.º A abolição da monarquia em Espanha; 2.º A separação final da península na suas três nacionalidades essenciais — a Catalunha, Castela e as provincias que conseguiu submergir na sua personalidade, e o estado galaicoportuguês» (no apartado «Sentido nacional e sentido civilizacional: a Civilização iberica, p. 81, op. cit.).

E Pessoa, seguindo a atitude da época contra a castelhanização, manifestada tanto pelos galegos como pelos catalães, e que sem dúvida teria impacte na elite cultural portuguesa (lembramos que a «Teoria do nacionalismo galego» de Risco deveu chegar a conhecimento de Alfredo Pedro Guisado e portanto de Pessoa, além da informação que pudera ter da Catalunha), Pessoa dizemos, vá manter uma atitude de crítica frontal contra Castela, como inimiga do sentido civilizacional iberico, continuando assim uma tradição que em Portugal deveu existir manifesta desde os primórdios da constituição da nacionalidade portuguesa e posteriormente depois do periodo filipino, em que o bilinguismo de numerosos autores portugueses é incontestavel, com grandes cedencias para o castelhano. Assim Pessoa disse: «A primeira nação inimiga da Iberia é a Espanha — no sentido de a atual Espanha, Castela imperando antinaturalmente num agrupamento que não conseguiu absorver, porque não absorveu a Galiza nem a Catalunha. Mas é essa Espanha não no sentido, de que já tratamos, que a sua existencia impede a formação da confederação iberica... O espirito iberico é uma fusão do espirito mediterrânico com o espirito atlântico; por isso as suas duas colunas são a de Catalunha e o estado natural galaicoportuguês. Castela... é apenas a região de troca e portanto da estabilização dessas duas influencias limites. Não deve ter outro papel que uma especie de fiel na balança das duas inclinações marítimas. Por isso, a ter papel preponderante (como é o que já teve na historia) esse papel é tudo quanto há de menos iberico... Castela apresenta-se como um elemento anteprejudicador de uma confederação... Assim o espirito castelhano é fundamentalmente inimigo, no seu espirito, da Iberia. Mas estes característicos, que tornam Castela magnificamente incompetentes para hegemonizar na Iberia, admiravelmente a dispõem para equilibrar as tendencias (em outros sentidos excessivos) dos dois outros povos ibericos» (op. cit. pp. 82-83) e ainda acrescenta em «Aliança Iberica» ('Independencia nacional e convergencia civilizacional'): «Cousas há que nos separam nacionalmente: o fato, por exemplo, de sermos um pais colonial, e o da Espanha já o não ser... O fato fundamental que nos separa é este: a Espanha é uma nação composta de varias nacionalidades; nós somos uma nação unitaria, homogenea, tanto quanto é possível sê-lo uma nação que não é uma mera Andorra ou São Marino». «À indole profundamente nacionalista da Espanha opõe-se o feito profundamente cosmopolita de Portugal.» (op. cit. pp. 88-89).

Temos que para Pessoa a grande inimiga é a Espanha e seu nacionalismo, que obriga sempre, de alguma maneira, aos 'perifericos' portugueses, galegos, catalães, bascos, etc. a ter uma questão pendente para com o 'centro', mitificado em Castela. Essa ideia é constante, como é natural, nos nacionalismos perifericos espanhóis, mas também em Portugal desde os primórdios da nacionalidade. Até quando há essa ideia em Portugal pode dar-nos uma base a propria rainha D. Te-

resa quando disse ao seu filho D. Henriques que não perca nem um palmo de terra que herde (15).

O certo é que Pessoa se alinha neste assunto com a tradição portuguesa, que se inicia com a formação da nacionalidade e se acrescenta com o período pos-filipino e que tanto tem a ver com a batalha de Aljubarrota como o Tratado de Tordesilhas, em que Portugal inicia o seu esplendor das Descobertas que forjarão o alicerce da independência nacional plena. Inicia aí a visão cosmopolita de que fala Pessoa, que tenta a valorização intelectual até da Iberia no estrangeiro a criação de uma personalidade europeia nossa, que nos valorize perante «o estrangeiro» (op. cit. p. 90) pois «na germanofilia castelhana e na francofilia portuguesa estão manifestadas as duas tradições culturais da península» (ibid. 91), por enquanto «Na península hispanica, de um lado a outro, nós não somos latinos, somos ibéricos. É preciso assentar nisso, antes de em mais nada. Nada temos, psicologicamente, de comum com os dois países herdeiros da civilização latina propriamente dita — a Itália e a França. Nós não somos latinos, somos ibéricos» (ibid. p. 93). Assim para Pessoa a nível interno a questão da renascença portuguesa, cultural e nacional, está limitada pela ação imperialista de Castela e pela imitação servil do mundo europeu, germanico, francês ou italiano. A diferença de outras partes, a Península ibérica teve menor romanização e por isso deve ter um espírito mais genuinamente autoctone dos países que os ibéricos se dão por imitar sem motivo. A ação civilizacional que culturalmente pretende Pessoa nasce portanto das entranhas da própria Península e dos povos que a compõem, entre os quais o estado «natural» galaicoportuguês teria um posto de privilegio, assim como a Catalunha. Mas, em todo caso, Pessoa afirma contundentemente: «Portugal não quer ser espanhol, nem de uma forma, nem de outra» (ibid. p. 96).

Como é que vê Pessoa o problema dos países ibéricos ou dos mal chamados separatismos espanhóis?

Temos dois textos de interesse ao respeito, que confirmam a unidade de pensamento de Pessoa na questão galega e ibérica, e que convém trasladar em parte. Um de «Iberia», o texto que vimos citando, e outro de «Ultimatum e Páginas de Sociologia política», na edição de Ática, 1980, Lisboa (recolha de textos de M. Isabel Rocheta e Maria Paula Morais. Introdução e organização Joel de Serrão, pp. 186-187).

Em «Iberia» (Portugal, Sebastianismos e Quinto Imperio, op. cit.) p. 98 podemos ler: «Os problemas ibéricos e os separatismos espanhóis»;

Os problemas ibéricos são três, no que respeita a problemas internos:

- (1) A remodelação do estado espanhol, reavendo-se Gibraltar
- (2) A integração do estado português, pela reintegração de Albuquerque e Olivença, e a anexação da Galiza.

(15) «Como e donde descenderam os reis de Portugal»; ...«E ouue huum ffilho de dona Tareija que ouue nome dom Affonso Anrriquiz... E ante que morresse chamou antessy aquelle seu sseu ffilho... e disselhe filho toma efforço no meu coração toda terra que eu leixo... nom percas della nenhua cousa... Anais St.^a Cruz de Coimbra, p. 130.

- (3) A Aliança iberica, como defesa do comum solo espiritual, invadido culturalmente pela França, e dividido territorialmente pela politica da Inglaterra.

Já o problema da Galiza se não se assemelha ao problema catalão. O incerto separatismo galego também não pode visar a independência da região, mas já pode visar, sem crime de lesa-Iberia, a integração no estado português. Há tantas razões para a Galiza ser região espanhola, como para ser parte de Portugal (não digo «região portuguesa», porque Portugal é uno). Integrada na Espanha, a Galiza segue uma continuidade histórica e não perde pé no valor civilizacional. Integrada em Portugal é, fica parte do estado *a que por natureza e raça pertence*, e também não perde pé no valor civilizacional, porque passa a ser parte de outra nação europeia definida civilizacionalmente» (ibid. p. 98).

No outro trecho que mencionamos de Pessoa, publicado por Atica, 1980, «Ultimatum e Páginas de Sociologia política», temos apenas uma variante do pensamento solidamente conformado de Pessoa sobre a questão galega, ligada profundamente ao valor civilizacional e de 'potencia cultural', que lhe compete a Portugal no futuro que Pessoa desejava para seu país. Com efeito, Pessoa disse ainda: «O problema do separatismo galego é com a Galiza, que só não tem licença para escolher a independência. Há só duas nações na Iberia — Espanha e Portugal. A região que não é parte de uma, é parte de outra. O resto é filologia» (op. cit., p. 187).

Mas que é o que pretende Pessoa com a «remodelação» iberica e a questão civilizacional? Para nós, Pessoa intenta ultrapassar as condições críticas de Portugal, a crise da consciência portuguesa, e para isso formula, seguindo os ideais nacionalistas periféricos, já exprimidos por galegos e catalães, um ideal iberista, que supõe a união galaicoportuguesa num estado natural, por razão de raça, língua e literatura comum; por outro, superar as dificuldades para criar um projeto cultural nacional e iberico, que possa enfrentar a assimilação francesa ou germanica sobre a península. A tal fim, considera que a solução é o «Quinto Imperio», isto é, a ação benéfica da cultura portuguesa, considerando a Portugal como um país que pode ter uma grande potencial cultural e enfrentar o repto do futuro. Pessoa desenha o 'Imperio da Cultura', o 'Imperio do Espirito', o 'Imperio dos Poetas', como solução aos males todos do mundo iberico. Eis a razão de ser de «Mensagem» — proposta para Portugal renascer; em que os poetas são os iluminados que podem salvar da miséria cultural ao país, tema por outro lado frequente na literatura galega com Pondal, através das influencias ossianicas que este autor sofreu na sua obra («A luz virá para a caduca Iberia») (16) e inclusive em Curros Henriques (17).

(16) Estrofe de «Os queixumes dos pinos» depois «Hino nacional da Galiza» nas obras de Eduardo Pondal, Corunha, 1931, p. 145, Academia Gallega, Corunha.

(17) Curros Henriques dedica a Rosalia um poema como 'louca' ou 'iluminada', 'pobre da tola que leva na frente uma estrela e no bico um cantar'. Obras Escogidas, Ed. Aguilar, 1956, p. 342. «A Rosalia de Castro».

Vejamos senão a conceção que Fernando Pessoa tem do 'Quinto Imperio'. Na «Resposta ao Inquerito de Augusto da Costa», «Portugal, vasto Imperio» temos por boca de Pessoa as seguintes afirmações: «Duas são também as forças de desenvolvimento — Estímulo físico ou material e o estímulo intelectual ou moral. Na vida das sociedades, o primeiro é dado pelo comércio, o segundo pela cultura. Com efeito, o desenvolvimento dos povos se efectua, no que material, pela multiplicação de contactos economicos; pela multiplicação de contactos culturais... Qualquer transformação pode ser definida como sendo «para outro», porem a transformação construtiva merece esse nome definitivamente. Na transformação para mais ou para menos a coisa transformada mantém os seus caracteristicos essenciais; a transformação é quantitativa. Na transformação para outra mudança é qualitativa. Que características adquire, porem, a coisa transformada, ao ser transformada «para outro»? Os do elemento transformador, pois outros não há que possivelmente adquira. Segue, pois, que a transformação construtiva implica uma conversão da substancia da coisa transformada na substancia da coisa transformadora. A nação que exerce esta especie de influencias, que é uma «grande potencia» nesta função, chama-se com justeza, não grande potencia, senão «Imperio». Até hoje, dentro da civilização que vivemos, tem havido quatro imperios — o grego, o romano, o cristão e o inglês...» (op. cit. p. 162).

Para Pessoa «Portugal grande potencia cultural é uma hipotese já de outro genero...» em que a «carencia cultural» de tradição é um obstaculo porque «Quantitativamente, nunca a tivemos; qualitativamente, pouco» / embora reconheça que «No fim da chamada Idade Media, e no principio da Renascença, esboçamos, é certo, um acentuado movimento cultural, que abrange os Cancioneiros, os Romances de Cavalaria, e um ou outros fenomenos como a especulação de Francisco Sanches... Mas em breve o vinco mais tipicamente nacional, das descobertas, arrastava para si toda a vitalidade portuguesa» (p. 163, *ibid.*)... «Portugal grande potencia construtiva, Portugal Imperio — aqui, sim, é que, atraves da grandeza e da decadencia se revela o nosso instinto, e se mantem a nossa tradição... Portugal tem pois condições organicas para ser uma grande potencia construtiva ou criadora, um Imperio...» (*ibid.* p. 164), se bem esclarece Pessoa em outra pergunta do inquerito «Para o destino que presumo que será o de Portugal as colonias não são precisas» (*ibid.* 164), o que demonstra até quanto o projeto pessoano é um projecto cultural (18).

Mas, o imperio cultural que quer Pessoa tem um perfil concreto, mito encarnado no povo e no poeta. Assim se pode ver «Prefácio» ao «Quinto Imperio» de Augusto Ferreira Gomes, que tanta influencia ia ter em Pessoa (19), em que o nosso autor afirma «A esperança do Quinto Imperio, tal qual em Portugal a sonhamos e concebemos, não se ajusta, por natureza, ao que a tradição figura

(18) «O que demonstra, porém, ao mesmo tempo que a acção civilizacioinal do antigo Portugal e da antiga Espanha estava errada ibericamente é que, de todo esse imperialismo marítimo, colonial e europeu, «não surgiu um imperialismo cultural». (p. 100, op. cit., in «Epilogo. A Iberia e os seus Imperios»).

como o sentido de interpretação dada por Daniel ao sonho de Nabucadnezar. Nessa figuração tradicional, é este o seguimento dos imperios: o Primeiro é o de Babilonia, o Segundo o Medo-Persa, o Terceiro o da Grecia e o Quarto o de Roma, ficando o Quinto como sempre duvidoso... Não é assim no esquema português. Este, sendo espiritual, em vez de partir, como naquela tradição, do Imperio material de Babilonia, parte, antes, como a civilização em que vivemos, do imperio espiritual da Grecia, origem do que espiritualmente somos. E sendo esse o Primeiro Império, o Segundo é o de Roma, o Terceiro o da Cristandade, e o Quarto o da Europa... Nós o atribuímos a Portugal para quem o esperamos» (op. cit. ibid. p. 166).

Explicita ainda Pessoa, nosse Prefacio, o sentido da poesia de Bandarra de Trancoso e com interpretações esotericas reclama a pertença do 'Quinto Imperio' para Portugal, como aliás o fizeram antes o proprio Camões ou o Padre Antonio Vieira. Pessoa retoma pois uma tradição portuguesa, mas para explicar que o imperio que ele sonha é um imperio de cultura, um império civilizacional, à portuguesa; não hegemónico à castelhana.

Nisto é claro, e assim no texto publicado na edição que citamos por A. Quadros, disse Pessoa em «O Imperio português», «Um imperio de Cultura, um imperio do Espirito»; «Os três imperialismos: de dominio, de expansão e de cultura». O seguinte: Há três imperialismos, de dominio, de expansão e de cultura». *O imperialismo de dominio* comporta três expressões: (1) Imperialismo unificador... imperialismo cesarista... imperialismo hegemónico. O 1.º é o caso da Prussia... O 2.º é o de Roma... O 3.º é o da Austria e, até certo ponto, da Espanha (ibid. p. 171)...» Na evolução da civilização o primeiro estadio é o do imperialismo de dominio; segue-se o da expansão; acaba pelo da cultura» (ibid. p. 172).

E ainda Pessoa deixa escrito o que ele considera são as «condições do Imperio da Cultura» dizendo: «O conflito é entre pares, ou semelhantes (*completamente?*). Assim, na epoca moderna, há dois grupos de linguas — as do Norte e as do Sul, da Europa; denominando-se em geral, germânicas e latinas, respectivamente. De tendencia pertence em cada grupo destes a vitoria cultural à lingua mais capaz de exprimir, à mais rica não só em termos e frases, como tambem em capacidade de expressão, em riqueza gramatical, por assim dizer. Das linguas ditas latinas é a portuguesa a mais rica e a mais complexa (19).

A componente pois do projeto cultural do 'Quinto Imperio' pessoano, o seu alicerce, é a lingua que em «Condições imediatas do Imperio de Cultura» Pessoa considera uma lingua, como a portuguesa, valida para o seu projeto e assim disse: «(1) Uma lingua apta para isso, isto é: (a) rica; (b) gramaticalmente completa; (c) fortemente «nacional» (2) O aparecimento de homens de genio literario, escrevendo nessa lingua, e ilustrando-a: (a) de genio universal e (...) dentro da humanidade; (b) de genio de perfeição linguistica; (c) (a concorrencia de outros

(19) Para Pessoa o português, a nossa língua, é das mais completas, subis e opulentas linguas do mundo» (Prefácio a «Alma errante, de Ellezer Kamenezki, 1932). Cfr. Fontenla, J. L., op. cit., vide nota 4.

fatores culturais para o conteúdo dessas obras de genio) (3) a base material imperial para se poder expandir (ainda mais) essa lingua, e impô-la. (Imposição material): (a) numero de gente falando-a inicialmente; (b) extensão da situação geografica; (c) conquista e ocupação perfeita (?). (op. cit. 176, 177).

O 'vasto imperio' cultural que concebe Pessoa, utopicamente e poeticamente, como se pode verificar lendo «Mensagem» e outras poesias, sem duvida com nitidas influencias de Augusto Ferreira Gomes, obriga-lhe a perguntar-se a sim proprio nestes apontamentos sobre o «Quinto Imperio» da Cultura e do Espirito, dos Poetas, que apareceram no espolio pessoano, como é que Portugal poderá cumprir seu destino, qual são as bases para fazer de Portugal uma 'potencia espiritual'.

E assim Fernando Pessoa confessa em «Tem Portugal condições para ser uma potencia espiritual» que Portugal tem essa capacidade, se bem tem duvidas sobre o futuro que ela pode vir a ter na realidade. Assim disse Pessoa «Quanto às condições, a capacidade, há que observar o seguinte: (1) a primeira coisa em que Portugal se tornou notavel na atenção da Europa foi um fenomeno literario — até certo ponto, e em certo modo derivadamente, a poesia dos Cancioneiros: mais acentuadamente os romances de cavalaria, e designadamente o *Amadis*. É pouco? Não foi pouco para a época: e para a investigação que estamos fazendo é tudo. Temos, pois, que o primeiro afloramento civilizacional deste país foi um fenomeno de cultura, isto é, de espirito; (2) Portugal surgiu definitivamente na civilização europeia pelas descobertas, e as descobertas são um ato cultural; mais que um ato cultural, são um ato de criação civilizacional. Criamos o mundo moderno; porem a nossa primeira descoberta foi descobrir a ideia da descoberta» (ibid. pp. 177-178).

Para o pensamento pessoano os apoios para o imperio cultural português vão estar na lingua portuguesa; assim define a civilização: «Em relação a si propria o criterio definidor é a lingua, que é o que define a nação para si mesma. A nação que pretenda a um imperialismo cultural deve, portanto, começar por unificar os elementos que falam a lingua, porque não há imperio sem unificação, nem, portanto, imperio cultural sem unificação cultural. Há três casos possiveis neste caso de unificação: ou só a nação de que se trata fala a sua lingua, e em toda a parte dessa nação se fala essa lingua e nenhuma outra; ou a nação de que se trata inclui povos que, embora culturalmente falem a sua lingua, falam naturalmente outra; ou a nação de que se trata exclui povos, que não pode integrar em si, que falam a mesma lingua. O melhor exemplo da primeira é Itália, que não tem senão dialetos, e em que todos falam italiano, sem que haja colonia alguma italiana, no sentido superior e nacional da palavra «Colonia». O melhor exemplo da segunda é a Espanha, que inclui a Catalunha e Euzkadi, que falam linguas diferentes do espanhol. Para o terceiro exemplo serve Portugal que, sendo uno no continente, tem por exemplo, uma colonia espiritual, o Brasil, onde se fala a mesma lingua, mas que é inevitavelmente, por uma razão geografica de distancia, um povo diferente». (ibid. pp. 178-179).

O «Quinto Imperio» de Pessoa é pois um imperio de cultura, e conforma um imperialismo cultural em que; «Queremos impor uma lingua, que não uma força.

Se falharmos, sempre conseguimos alguma coisa — aperfeiçoar a língua» (ibid. pp. 180 op. cit.) («Justificação do Imperio Cultural Português»).

E Pessoa na sequência do seu discurso ainda se pergunta em «Um imperialismo de poetas»: «É um imperialismo de gramaticos?... É um imperialismo de poetas». Seja» (ibid. p. 180).

A base cultural do «Quinto Imperio» português de Pessoa, como ele afirma em «O dever português», só tem a finalidade, em definitivo, de tirar ao país da crise, de superar a situação de submetimento, que se revela na obra pessoana como algo necessariamente a recusar, porque a crise pode dar lugar a uma crise de identidade nacional, de identidade civilizacional, carecendo de sentido o 'ser português'. Assim Pessoa afirma pessimisticamente «Quando uma nação atravessa uma crise profunda, e é uma nação culta, toda a esperança de salvação é diminuta, porque não há material novo em ela a que recorrer. Uma nação culta livra-se com relativa facilidade das crises menores, de que uma nação que o não é com dificuldade se tira, por ter uma menor capacidade de reacção; é das grandes crises que a nação culta dificilmente se tira» (ibid. pp. 181-182).

Vemos como Pessoa emprega todos os recursos de que dispõe para intentar enfrentar a crise do seu tempo e que o seu projeto de civilização ibérica e de imperio cultural se baseia no seu projeto cultural para Portugal, atribuindo-lhe uma função no contexto europeu de primeira ordem, ao igual do que na época das descobertas. A crise política portuguesa influi de tal maneira em Pessoa que poeticamente, em «Mensagem», atribui uma função redentora a Portugal, ao igual do que nos textos em prosa. E para reforço desse projecto cultural Pessoa não tem inconveniente em reformular a condição da Iberia, enfrentando a questão galega e da península, seguindo os criterios dos nacionalismos periféricos, nomeadamente galego e catalão, que melhor conhecia.

A base étnica e linguística lusogalaica aflora em todo momento para intentar recompor o '*estado natural*' galaicoportuguês, intentando recuperar a frustração da divisão da antiga Galesia, mas a verdade é que o projecto iberista de Pessoa, recolhido por autores como Castelão e outros, de uma tradição ibérica comum dos países periféricos, Portugal incluído, não vai ter efectividade alguma. Com a queda da II Republica espanhola e o advento da ditadura, em ambos lados do Minho, a comunicação cultural da geração NÓS e da «Renasceça Portuguesa», que poderia ter continuado ficou interrupta. O modernismo literario, a um lado e outro, continuou de costas viradas; na Galiza pela morte prematura dos seus poetas mais representativos. Avaliar em termos de cultura o que veio supor a aparição das ditaduras e o colapso cultural que se estabeleceu na península, por quase cinquenta anos, nunca será possível.

O certo é que o projecto cultural de Pessoa utopico, mergulhado no sebastianismo e na utopia, ainda pode cumprir uma função de desafio intelectual na altura em que a península ibérica faz parte da Europa das Comunidades (CEE) e que em toda a parte se percebe ainda a falta de projectos nacionais, que possam permitir um «Quinto Imperio» da Cultura e da Aproximação e Intercambio cultural entre, nomeadamente, as línguas románicas mais importantes do mundo, galai-coportuguês ou português (e os sistemas culturais que elas suportam na Europa

— Galiza e Portugal —; America Latina — Brasil — e Africa — Angola, Cabo Verde, Guiné Bissau, Moçambique e S. Tomé e Príncipe), além do castelhano (Espanha e America Latina), catalão e basco; estas minoritarias, mas que há também que preservar em beneficio da humanidade.

Pessoas, o multifacetico Pessoa dos heteronimos, que proclamava um nacionalismo concorde com o seu tempo e o seu pais, tinha muito claro, por intuição poetica de que:

«E Europa jaz, posta nos cotovelos:
De Oriente e Ocidente jaz, fitando
E toldam-lhe romântico cabellos
Olhos gregos, lembrando
Fita, com olhar sphyngico e fatal
O Ocidente, futuro do passado
O rosto com que fita é Portugal» (20).

E a sua «Mensagem» alargada hoje para toda a lusofonia e não só para a Europa, tem muito a ver com a genialidade do poeta que adivinha o futuro com o simples fato de criar o mundo poetico, para si proprio e para o seu pais, em que Portugal, o 'estado natural galaicoportuguês', considerado culturalmente tem ainda muito a contribuir para a Cultura da humanidade atual.

É com essa esperança que acabamos este percurso pela obra prosistica de grande poeta, em referencia a 'Galiza e Pessoa'.

Galiza, primavera de 1988 quase.

(20) Mantemos a ortografia original.

Nota — O texto da comunicação é puro galego adaptado à ortografia simplificada definida no 'Encontro da Unificação Ortográfica da Língua', no Rio de Janeiro, em 1986, por todos os países lusófonos; a Galiza também presente ao Encontro histórico, em que nasceu a lusofonia, e em que pela primeira vez verificou-se graficamente galego, português, e brasileiro. (N. do A.).